



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Faculdade de Formação de Professores

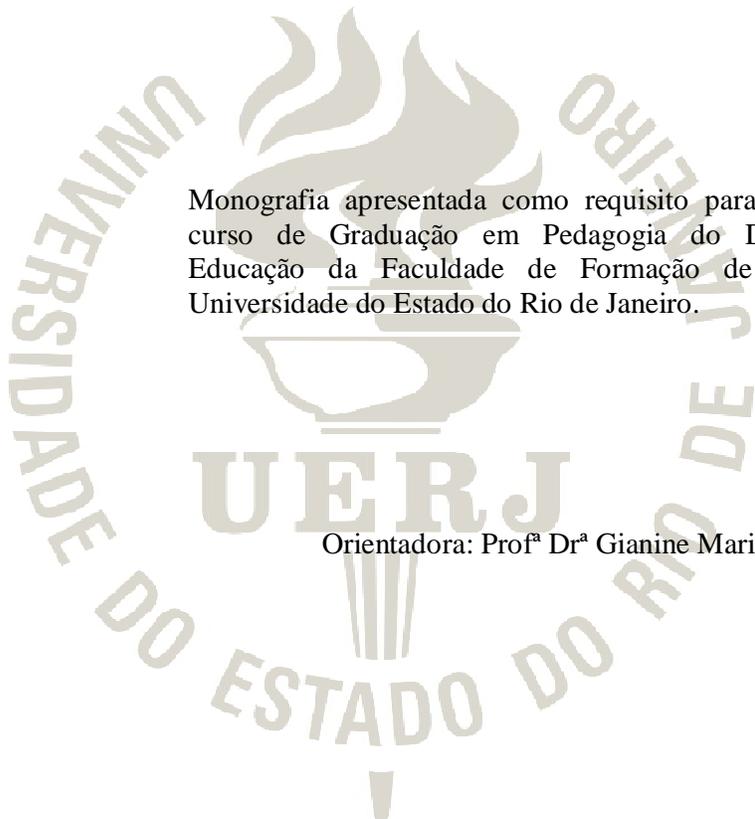
Larissa Gomes Melo

ARQUITETURA ESCOLAR E SUAS RELAÇÕES COM A APRENDIZAGEM

São Gonçalo
2012

Larissa Gomes Melo

ARQUITETURA ESCOLAR E SUAS RELAÇÕES COM A APRENDIZAGEM



Monografia apresentada como requisito para a conclusão do curso de Graduação em Pedagogia do Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Gianine Maria de Souza Pierro

São Gonçalo
2012

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem Ele nada seria possível;

À minha orientadora Profa. Dra. Gianine Maria de Souza Pierro pelo ensinamento, pela compreensão e paciência;

Ao meu esposo e grande amigo Leonardo que esteve comigo nesta caminhada do início ao fim sempre me animando nas horas mais difíceis;

Aos meus pais Maria Auxiliadora e José Mauricio, por todo amor e carinho;

As minhas irmãs Natália, Jéssica e meu irmão Matheus pela atenção e auxílio quando precisei;

Às queridas amigas que conquistei durante a graduação: Carolina, Katiuscia e Vivian;

Aos funcionários e alunos da escola onde realizei minha pesquisa que me receberam com muito carinho.

“O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.”

Michel Foucault

TABELA DE FIGURAS

Numeração das figuras	Título	Página
01	Planta baixa e organização funcional do nível térreo da Escola Modelo da Luz	12
02	Planta baixa do nível térreo do Grupo Escolar Visconde Congonhas do Campo	12
03	Primeiro CIEP	14
04	Desenho do aluno A (sala de aula)	20
05	Desenho do aluno I (sala de aula)	20
06	Desenho do aluno M (sala de aula)	20
07	Desenho do aluno MN (sala de aula)	21
08	Desenho do aluno R (planta baixa da escola)	22
09	Desenho do aluno I (planta baixa da escola)	23
10	Desenho do aluno MN (planta baixa da escola)	23
11	Desenho do aluno W (planta baixa da escola)	24
12	Desenho do aluno C (planta baixa da escola)	24
13	Desenho do aluno IN (parquinho)	25
14	Desenho do aluno MN (quadra)	26
15	Desenho do aluno A (quadra)	26
16	Desenho do aluno W (quadra)	27
17	Desenho do aluno MN (pátio)	27
18	Desenho do aluno R (pátio)	28

RESUMO

A arquitetura é utilizada pela humanidade para diversas finalidades como segurança, produção artística, entre outras. Ao olhar para a arquitetura escolar podemos identificar diferentes possibilidades e funções como ambientação, convivência, vigilância, controle e padronização. Este estudo visa analisar a escola como um espaço sócio-cultural considerando os diversos significados já existentes, as ações legitimadas pelos seus usuários e a sua relação com a aprendizagem. O local da pesquisa aconteceu em uma escola municipal na cidade de São Gonçalo. Desenvolvemos uma investigação de caráter qualitativo, utilizando como metodologia observações na escola, conversas informais com os profissionais, entrevista aberta com os integrantes da escola, análise de plantas baixas da escola desenhadas pelas crianças e levantamento de dados através de documentos oficiais da escola. Para compreensão deste estudo usamos como referência autores que discutem a questão do espaço escolar. Através das atividades realizadas na pesquisa ficou evidente que o espaço escolar é carregado de valores e que esses valores foram tão naturalizados por seus usuários que os impedem de enxergar outras formas de organização para a escola.

Palavras chave: Arquitetura escolar; aprendizagem e valores; escola e espaço sociocultural.

SUMÁRIO

TABELA DE FIGURAS.....	V
INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – Conhecendo a arquitetura escolar.....	11
CAPÍTULO 2 – O desenho e a arquitetura da escola.....	17
2.1 - O Local da pesquisa.....	17
2.2 - Descrição das atividades realizadas	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	31

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

M528 Melo, Larissa Gomes.

Arquitetura Escolar e suas relações com a aprendizagem / Larissa Gomes Melo. – 2012.

31f.

Orientadora: Prof^a Dr^a Gianine Maria de Souza Pierro.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Educação. 2. Aprendizagem. 3. Escolas – São Gonçalo (RJ). I. Pierro, Gianine Maria de Souza. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, Departamento de Educação.

CDU 371(815.3)

INTRODUÇÃO

A minha relação com a arquitetura começou no ensino médio. Eu cursei edificações na Escola Técnica Estadual Henrique Lage, em Niterói, e adorava planejar a utilização dos espaços. Fiquei encantada com as aulas de desenho, de materiais de construção, de todo o processo para a realização de um projeto de arquitetura. O meu professor de Desenho, Roberto dizia sempre que o sucesso de uma construção era atender às necessidades dos usuários daquele espaço.

No meu primeiro ano da graduação, após a leitura de um texto na disciplina História da Educação que explicava a visão de Foucault sobre o espaço, me deparei com uma questão: As escolas de hoje permanecem seguindo a lógica do vigiar/punir, ou respeitam as propostas e possibilidades que a educação busca? O autor nos chama atenção para o fator da vigilância de pensamentos, de desejos e de comportamento, que continua sendo prioridade nos projetos. Os ambientes, inclusive o escolar, interferem na produção de subjetividade dos sujeitos, pois o espaço não é neutro. A escola apresenta através de sua arquitetura um sistema de valores a serem apreendidos pelos seus usuários. Com o surgimento deste questionamento eu decidi que o objeto de pesquisa da minha monografia seria relacionado à Arquitetura Escolar.

O que pretendo através desse trabalho, é procurar entender como é visto o espaço da escola pelas pessoas que a utilizam e qual a sua relação com a aprendizagem. E buscar compreender de que maneira o espaço físico escolar interfere no cotidiano da escola.

Pensar como a escola foi construída, a divisão dos seus espaços, suas dimensões, mudanças físicas do projeto original são questões para as quais busco respostas de meus questionamentos e acredito contribuir para melhoria da escola, porque já se sabe que o espaço não é irrelevante e precisamos ler nas entrelinhas para desvendar o que se encontra oculto (ESCOLANO, 1998). Não se pode mudar o que é desconhecido ou invisível aos nossos olhos. Existem muitos temas que são frequentemente discutidos na escola e que já trouxeram contribuições inclusive no campo da pesquisa, mas acredito que refletir sobre as questões do espaço escolar, o lugar onde tudo acontece, é também uma contribuição para a qualidade da educação. É extremamente importante refletirmos como esse espaço que está sendo utilizado por todos que cotidianamente estão na escola, se se presta para a finalidade maior a aprendizagem, com o bem-estar das pessoas que nela estão, pois a qualidade na educação estabelece relação direta com condições propícias de vivência e utilização. Uma boa cadeira, uma sala arejada, com iluminação adequada, tudo isso contribui para aprendizagem. Além

disso, a maneira como o indivíduo se apropria do espaço escolar também é fundamental para o aprender. Se ele não vê a escola como lugar de busca de conhecimento, se ele não reconhece a escola como sua, a dificuldade com a aprendizagem aparece (ARENA, 2003).

Através do estudo da arquitetura escolar, esta pesquisa pretende verificar em que medida o espaço físico interfere com a prática pedagógica e aprendizagem do aluno. Podemos centrar nossas atenções apenas nos métodos de ensino e nas teorias de aprendizagem, que sem dúvida trazem grandes contribuições, porém devemos também voltar nossa atenção para o estudo da arquitetura escolar, o que pode enunciar diversas indagações. É importante para este trabalho destacar qual o papel do meio físico onde se dá o processo de ensino-aprendizagem.

Para discussão teórica do tema busco dialogar com autores como Juarez Tarcisio Dayrell, Professor da Faculdade de Educação da UFMG e Coordenador do Observatório da Juventude da UFMG, que analisa a escola como espaço sociocultural, que significa compreendê-la através do cotidiano. Observar as ações dos sujeitos em relação ao sistema escolar, como os agentes que estão na escola resolvem os problemas cotidianos, que atitudes tomam mediante as falhas de estrutura física para que as atividades escolares não fiquem prejudicadas.

Olhar a escola como um espaço em constante mudança considerando os dois lados, o oficial que define a organização da instituição, e do outro os alunos, professores e funcionários que criam intervenções próprias transformando a escola num cenário dinâmico que se constrói diariamente.

Segundo Agustín Escolano (1998), a escola também carrega uma série de significados que determinam ações e legitimam certas narrativas. Mostra que as categorias espaço e tempo não são simples representações de esquemas abstratos, aspectos neutros em relação ao processo de aprendizagem, eles também nos constituem como sujeitos de um determinado discurso. Nas palavras de Frago e Escolano: "o espaço não é neutro. Ele sempre educa" (1998, p.75).

Para entender o processo histórico da construção dos prédios escolares e como surgiu a preocupação com a criação de prédios destinados ao ensino, Anísio Teixeira (educador brasileiro) já na década de 30 considerava essencial:

... que o prédio escolar e as suas instalações atendam, pelo menos, aos padrões médios da vida civilizada e que o magistério tenha a educação, a visão e o preparo necessários a quem não vai apenas ser a máquina de ensinar intensivamente a ler, a escrever e a contar, mas vai ser o mestre da arte difícil de bem viver. (TEIXEIRA, 1935:39).

Ao longo de sua história a educação brasileira vive projetos educacionais onde a concepção inicial desenha uma proposta arquitetônica-política-educacional como no caso das Escolas-Parque em Salvador, os Centros Integrados de Educação Pública (CIEP) no Rio de Janeiro e os Centros Educacionais Unificados (CEUs), de São Paulo.

O significado e presença da instituição escolar como base da formação da cidadania reforça a importância dos projetos e propostas que levem em conta as estruturas espaciais e sua influência do comportamento humano. É extremamente importante melhorar a qualidade de vida no ensino. Estudar a interferência do espaço físico no processo de aprendizagem nos ajudará a pensar em alternativas para que as escolas se tornem ambientes agradáveis para seus alunos, professores e funcionários. Nos dias de hoje, as escolas nem sempre são consideradas como ambientes estimulantes para a aprendizagem dos alunos. Com a observação do espaço físico podemos identificar questões e desafios a fim de contribuir para a qualidade da educação.

Profissionais da educação já reconhecem que é importante para o processo de aprendizagem o espaço físico escolar ser agradável para o aluno. Cely Arena (2003), orientadora pedagógica de uma instituição de ensino de São Paulo, alerta:

Nessa escolha pesam fatores de ordem prática, como a distância, a amplitude e as condições do espaço físico, a segurança oferecida, pois o aluno deve dispor de conforto para que nada interfira na sua disposição de aprender. Além disso, espera-se que o ambiente seja estimulante, pois ele é um dos muitos meios que a escola deve recorrer para promover o desenvolvimento da atenção e explorar a curiosidade. (ARENA, 2003:10).

O objetivo deste estudo é pensar o espaço escolar e suas repercussões na aprendizagem, considerando todo o processo educacional, o bem-estar do aluno e a relação que ele estabelece com o ambiente escolar; para tanto a pesquisa de campo foi realizada em uma escola municipal que abrange desde a educação infantil até o nono ano. As ferramentas utilizadas para reflexão neste trabalho foram: pesquisa de campo, entrevista aberta com professores, funcionários e alunos, levantamento de dados através de documentos e análise de desenhos da escola feitos pelos alunos.

CAPÍTULO 1 - Conhecendo a arquitetura escolar

Etimologicamente o termo “arquitetura” vem da junção das palavras gregas “arché”, que significa “primeiro” ou “principal”, e tékton, que possui o significado de “construção”. Desde os primórdios da humanidade as pessoas realizam construções com funções diversas como: proteção, demonstração de poder de reis e deuses e produção de arte, entre outras funções. A arquitetura trata da organização do espaço e de seus elementos, como organização, estética e ordenamento de componentes.

Em 1889, com as ideias do processo republicano no Brasil, observa-se a precariedade dos locais usados para a prática do ensino e, com o objetivo de valorizar a educação, surge a preocupação em construir prédios escolares padronizados. Desenvolver esta ideia. Em que texto você encontrou esta afirmação – explorar.

Para exemplificar este período da história brasileira, trazemos a referência o arquiteto Ramos de Azevedo, em São Paulo, que projeta e constrói prédios destinados especificamente ao uso escolar, como o projeto da Escola Ferreira Pentecostado (1880), na cidade de Campinas e a Escola Normal (1890-94) e do Jardim da Infância (1896), na Praça da República na cidade de São Paulo, edificando construções voltadas para os conceitos educacionais da época, como a divisão por classes e ambientes mais demarcados.

Escola Modelo da Luz (do arquiteto Ramos de Azevedo), que passou a exigir locais adequados para exercer suas funções, como a divisão por classes e ambientes mais demarcados. Essa escola, seguindo o regimento de alas distintas e com entradas independentes para meninos e meninas, foi destaque para a época por apresentar características peculiares de organização funcional, revelando a identidade arquitetônica do período não apenas por remeter ao estilo clássico, mas também por exibir elementos como: 1) escadarias: a externa, dando acesso à escola; as internas que levam até o pavimento superior; e as da entrada independente na parte posterior ao prédio, que direcionam até as alas estudantis feminina e masculina; 2) distribuição das salas em corredores: abrigando no máximo quarenta alunos, eram ambientes preferencialmente retangulares; 3) presença de varões: para evitar a umidade e elevar o edifício; 4) simetria: presente na planta em um de seus sentidos (Figura 01).

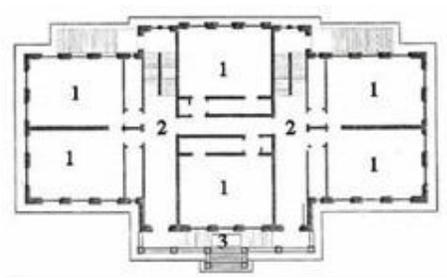


Fig. 01: Planta baixa e organização funcional do nível térreo da Escola Modelo da Luz. 1. Sala de Aula; 2. Circulação; 3. Entrada Principal (Fonte: BUFFA e PINTO, 2002).

A partir de 1930 surgem modificações nos projetos de construção das escolas como o aparecimento de novos ambientes, novas funções e novo layout da sala de aula. Os desenhos apresentam divisão clara de funções, como museu, biblioteca, sala de leitura, auditório (BUFFA e PINTO, 2002), O Grupo Escolar Visconde Congonhas do Campo, em São Paulo, projeto desse período do arquiteto José Maria da Silva Neves, já apresentava um programa de necessidades enriquecido com tais ambientes.

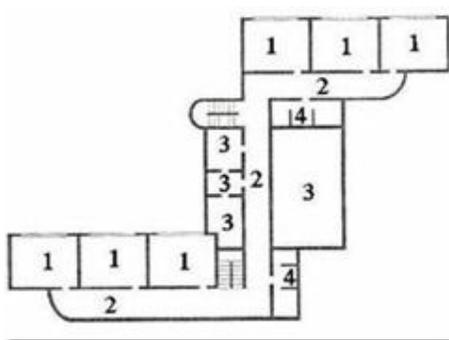


Fig. 02: Planta baixa do nível térreo do Grupo Escolar Visconde Congonhas do Campo. 1. Sala de Aula; 2. Circulação; 3. Administração; 4. Sanitários (Fonte: BUFFA e PINTO, 2002).

Nesse mesmo ano, a modernização começava a aparecer em algumas cidades brasileiras com o aparecimento de novos prédios, e o edifício escolar, não mais se encontrava como único no espaço. Acredita-se na existência inicial de outras edificações no entorno, pela época datada (BUFFA e PINTO, 2002).

Nos anos 50, período de forte presença do educador Anísio Teixeira, a escola pública deveria ser racional e com espaço otimizado. A arquitetura escolar brasileira ganha novas concepções e passa a ter como finalidade oferecer formação completa ao aluno (BASTOS, 2009). Trata-se de um sistema que comporta um centro educacional com rotatividade de

alunos, com suas atividades acontecendo ora na escola-parque (com aprendizado na prática por meio de atividades dinâmicas como educação física e artística); ora na escola-classe (com as aulas teóricas), havendo alternância de turnos entre as duas escolas. Assim, se apresentou um tipo de ensino integral, não limitado dentro de sala de aula, mas também em contato com a natureza em áreas externas (ANELLI, 2004).

As escolas-classe, que estão divididas em vários bairros carentes de Salvador-BA, apresentam uma organização funcional que comporta salas de aula, áreas cobertas, gabinetes médico e dentário, administração, jardins, hortas e áreas livres. As salas de teoria são destinadas às aulas com matérias curriculares (Fonte: Escola parque: Centro Educacional Carneiro Ribeiro, Salvador).

A escola parque é formada por sete pavilhões que apresentam organização funcional com auditório de capacidade para 560 pessoas e salas destinadas a dança, música, teatro, artes, práticas sócio-educativas e de esporte, firmando a finalidade da escola de se ter um espaço completo com atividades que se alternam entre práticas e teóricas (BASTOS, 2009).

Nos anos 60 destaca-se a ascensão de arquitetos como Afonso Eduardo Reidy e Oscar Niemeyer, com estilos voltados ao modernismo e com propostas arquitetônicas relevantes para edifícios públicos. Os arquitetos elaboraram projetos que consistiam em blocos de salas de aula; setor administrativo; galpão para as atividades de lazer e socialização; além da parte central do terreno onde se encontram pátio coberto, auditório e biblioteca.

Oscar Niemeyer responsável pelo projeto dos CIEPs, no Estado do Rio de Janeiro, nos anos 80, declara sobre esta obra:

Começarei dizendo se tratar de um projeto revolucionário, sob o ponto de vista educacional. Escolas que não visam apenas como as antigas - a instruir seus alunos, mas sim dar um apoio efetivo a todas as crianças do bairro. E isto explica serem, no térreo, para elas abertos aos sábados e domingos, ginásio, gabinete médico, dentário, biblioteca etc. Daí a dificuldade de utilizar as velhas escolas - vão sendo remodeladas - pois não foram projetadas para esse programa. (RIBEIRO, 1986).

Com a chegada do período pós-moderno (anos 70 e 80), em que havia preocupação com uma produção rápida e econômica (com uso de peças pré-moldadas), a maioria das escolas, implantadas em áreas periféricas, objetivavam dar às obras arquitetônicas um valor sociocultural, com o intuito de exibi-las.

No Rio de Janeiro, na década de 1980, a questão de falta de escolas que atendessem à demanda da população estudantil é suprida em boa parte com a criação dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEP). Neste projeto o espaço escolar é concebido para

manter suas portas abertas durante os fins de semana para receber a comunidade; para defender o conceito de educação integral e auxiliar os alunos repetentes. Assemelhando-se aos Centros Educacionais dos anos 1950 essas características foram retomadas por Darcy Ribeiro com o objetivo de oferecer ensino público integral com qualidade pretendendo assim expandir a rede pública.

A definição arquitetônica desses CIEPs ficou a cargo de Oscar Niemeyer, juntamente com a participação de outros profissionais da área. O primeiro, inaugurado em 1985, recebeu o nome de CIEP Tancredo Neves, no bairro da Glória, no Rio de Janeiro.



Fig. 03: Primeiro CIEP, inaugurado em 1985: CIEP Tancredo Neves (MENDONÇA, 2008).

A estrutura física dos CIEPs se caracteriza pela presença de grandes áreas externas, permitindo o livre movimento do alunado no espaço e a existência de atividades recreativas ou culturais. Os CIEPs, visando aproximar comunidade e escola, eram locados em bairros periféricos próximos a morros e favelas no Rio de Janeiro, destoando-se, assim, de seu entorno (XAVIER, BRITO e NOBRE, 1991). A implantação das construções nesses locais aconteceu com o intuito de reverter o quadro da desigualdade social e de transformar a situação territorial da localidade em que se encontram.

A partir de 2000, na cidade de São Paulo, foram construídos os Centros Educacionais Unificados (CEUs), com projetos básicos elaborados pelos arquitetos Alexandre Delijaicov, André Takiya e Wanderley Ariza. Sua tipologia de blocos dispostos de diferentes modos em terrenos amplos interligados por marquises abertas, também assemelha-se à configuração dos CIEPs, ambos buscando inspiração na escola-parque dos anos 50 para o desenvolvimento deste projeto. Assim, percebe-se que esse tipo de planejamento escolar continua orientando a construção de escolas públicas no Brasil (ANELLI, 2004).

Os CEUs têm características pouco usuais para uma arquitetura escolar pública, pois são de grande porte e sem muros, abrindo-se para o entorno e integrando a escola com o que

existe ao seu redor. Assim, pode-se marcar a contradição entre um equipamento urbano positivo e uma vizinhança empobrecida que, com a presença de uma escola de qualidade, cria melhorias para o local (MELENDEZ, 2003), com o prédio sendo objeto de destaque no tecido urbano.

Com base nessas informações confirma-se que no período inicial da história do Brasil República não havia espaços próprios destinados ao ensino e com o decorrer do tempo esta situação foi sendo modificada devido às necessidades apresentadas pela sociedade com a demanda de melhores espaços para ser oferecidos aos alunos, melhor ambientação física, para que pudessem apreender da melhor maneira possível.

A diversidade de construções e usos dos prédios escolares, nem sempre vinculados a um projeto educacional, podem ter sido descaracterizados no seu espaço físico e desvalorizados por conta de outros tipos de uso; outros foram reformados e construídos com significativas tentativas de sua melhoria estética e funcional, de acordo com os objetivos de cada período, prevalecendo ora à monumentalidade ora à funcionalidade, considerando conforto ambiental, a disposição de ambientes e seguindo ou não a estilos arquitetônicos referentes à história.

Cada grupo de projetos, dentro de sua época de concepção, apresenta um conjunto de aspectos peculiares. Atualmente, os arquitetos remetem a características vantajosas de prédios de épocas passadas para o planejamento dos atuais, aplicando junto a isso a liberdade de criação. Merece destaque as construções originadas dos anos 1950, as escolas-parque em Salvador, que influenciaram projetos dos anos 1980, os Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), e atualmente os Centros Educacionais Unificados (CEUs), de São Paulo.

Ao observar a organização de um espaço nota-se a presença de valores, de símbolos, de cultura. A arquitetura escolar não é diferente, ao observar uma escola é possível visualizar o tipo de comportamento, a ideologia que será imposta aos sujeitos que utilizarão este espaço:

A arquitetura escolar é também por si mesma um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância, marcos para a aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos. (ESCOLANO, 1998, p. 26).

Nesse trabalho nosso olhar está voltado para arquitetura escolar entendida como ato de arquitetar, planejar e a escola enquanto um lugar como espaço de convivência.

Para o pensamento de Foucault (1994), as construções dos prédios, inclusive da escola, foram pensadas/propostas com vistas ao controle, à disciplina dos seus usuários, de forma a prevalecer o poder e a dominação existentes.

O espaço escolar possui regras e normas que tendem a criação de padrões a serem seguidos pelos sujeitos, que por sua vez estão a todo tempo buscando maneiras de driblar essas regras. Nessa perspectiva, a realidade escolar aparece mediada, no cotidiano, pela apropriação, elaboração, reelaboração ou repulsa, expressas pelos sujeitos sociais (EZPELETA & ROCKWELL, 1986).

Porém, observando o cotidiano escolar, muitos espaços na escola pensados para finalidades de controle são utilizados pelos alunos como espaço de convivência e brincadeira. O pátio da escola, por exemplo, é construído estrategicamente para que todos os alunos sejam vistos, mas sabe-se que sempre encontram uma maneira de driblar a vigilância e utilizam o espaço para brincar e conversar. Os “cantinhos” são sempre proibidos por que fogem aos olhares vigilantes dos responsáveis da escola, mas esses “cantinhos” estão sempre ocupados.

A escola persiste no erro da vigilância excessiva e não enxerga que os educandos utilizam o espaço segundo a sua representatividade, não basta demarcar e impor as finalidades dos espaços escolares, ouvir o aluno e entender o que cada espaço da escola representa para ele diminuiria a necessidade de vigiar os alunos a todo tempo. É uma questão de diálogo entre escola e aluno, porque proibir a brincadeira na hora do recreio, se esse é um momento do aluno. Ele não precisa ser obrigado a reservar a hora do lanche só para lanchar. A ocupação territorial dos espaços da escola é resignificado pelos atores, sujeitos desse espaço.

A arquitetura escolar produz dispositivos associados ao tipo de aluno/a que a escola irá atender, à disciplina que quer manter com seus/suas alunos/as e ao currículo da escola. Uma escola não é construída sem antes se pensar sobre a clientela que ela irá atender, sobre a quantidade de alunos/as que ela comportará, sobre onde ficarão dispostas as salas de aula, a sala dos professores, a sala da direção, o pátio, os banheiros, enfim, todas as dependências que se fazem necessárias para o funcionamento de uma escola. A arquitetura escolar não é construída ao acaso. Existe, por detrás dela, um planejamento, um objetivo a ser cumprido.

CAPÍTULO 2 - O desenho e a arquitetura da escola

2.1 – O local da pesquisa

A escola observada fica localizada no bairro do Engenho Pequeno na cidade de São Gonçalo. Sua fundação aconteceu em abril de 1999 no governo do prefeito Edson Ezequiel de Matos. Não há nenhum documento na escola que conte sua história. Mediante depoimento de uma funcionária da secretaria, o local antes da construção da escola se tratava de um lixão.

O público da escola é educação infantil, primeiro segmento do ensino fundamental (do primeiro ao quinto ano) e EJA. A escola funciona nos turnos: manhã, tarde e noite.

No turno da manhã tem 18 professores, uma orientadora educacional e 12 funcionários; No turno da tarde tem 18 professores, uma orientadora educacional e 6 funcionários e no turno da noite possui 12 professores e 3 funcionários. Os professores em sua maioria são concursados, com formação superior. A composição das turmas vai de 25 a 30 alunos, nos dois primeiros turnos, e no terceiro turno as turmas possuem entre 15 e 20 alunos.

O prédio se divide em dois andares: no primeiro estão localizados a cozinha, o refeitório, a sala de informática, a secretaria, a sala dos professores, a sala da direção, dois banheiros para funcionários, a quadra, o pátio, o parquinho, o banheiro masculino e feminino, o depósito e duas salas de aula que são usadas para educação infantil. No segundo andar estão as doze salas de aula, sendo que uma foi transformada em sala de vídeo e metade de uma sala fica a biblioteca da escola.

No primeiro dia que estive na escola, na hora da entrada, fui recebida pela diretora, pois precisava de sua autorização para iniciar minha pesquisa. Não tive problemas para começar a pesquisa, a diretora logo assinou autorizando o início de minha visita à escola. A única exigência da diretora foi que não lhe fizesse perguntas a respeito da escola, que qualquer dúvida me dirigisse a um funcionário da secretaria.

Fiz o que foi pedido e me dirigi à secretaria e falei com uma funcionária que ficou de averiguar se havia documentos que me ajudassem a colher informações sobre o histórico da escola. A história de como surgiu a escola obtive através de depoimento e o diagnóstico da escola através de documentos (folha de ponto, diário), fornecidos pela funcionária da secretaria.

Nos primeiros dias optei em observar os espaços externos da escola, que ficam no térreo, pois acredito que a aprendizagem não acontece somente na sala de aula, mas também

acontece nesses locais. E, além disso, as crianças parecem ficar mais à vontade fora da sala de aula. As crianças ficam mais soltas, mais abertas, conversam, se divertem, trocam experiências e eu precisava descobrir a relação que elas tinham com o espaço escolar. Percebi que essa liberdade que as crianças tinham nos espaços fora da sala de aula, aqui chamados de espaços externos, incomodava alguns adultos da escola porque o controle sobre elas diminuía, ficava mais difícil ver e controlar o que os alunos estavam fazendo.

Entendo que as crianças precisam ser acompanhadas para que nenhum acidente aconteça, mas o controle excessivo, principalmente nos espaços externos, nem sempre é necessário. Presenciei várias situações de controle que considero excessivos nessa escola. Muitas vezes as crianças eram proibidas de circular em alguns locais como a quadra, o parquinho e o pátio, locais esses que foram pensados para uso delas.

No discurso a escola busca dinamizar o ensino, mas na prática pude notar características de uma pedagogia tradicional. A relação entre professor e aluno é centrada no professor e na transmissão de conhecimentos. Quanto ao conteúdo o que se visa é a aquisição de noções através de assimilação, o que leva a um distanciamento com relação ao cotidiano e a vida dos alunos. A metodologia valoriza a aula expositiva em sala de aula onde são feitos exercícios de fixação. E por fim, avalia-se a memória e a capacidade de restituir o que foi assimilado.

Sabemos que muitos educadores acreditam que as novas formas de se pensar a educação são quase impossíveis de serem colocadas em prática, e há aqueles que acreditam que a educação eficaz é aquela à base da disciplina e do controle. O que percebi é que a forma de agir em nossas escolas precisa passar por algumas mudanças. Um passo importante seria rever como os espaços externos escolares, tão temidos por muitos personagens da escola, podem ser importantes para auxiliar na aprendizagem.

O que se busca muito atualmente é tornar o aprendizado mais prazeroso, mais lúdico. Já se sabe que não se aprende somente na sala de aula, que a aprendizagem não está isolada nas salas de aula. Utilizamos outras salas para auxiliar no aprendizado dos conteúdos como sala de informática, biblioteca e sala de vídeo. Na escola pesquisada essas salas são pouco utilizadas pelos professores porque ficam disponíveis para o projeto Mais Educação.

Aproveitei para perguntar às monitoras do projeto o que elas achavam do espaço físico da escola e a resposta foi unânime. Elas acreditam que o projeto é importante para os alunos, mas a escola não possui estrutura nenhuma para que o projeto atenda a todos os seus objetivos. Acompanhei várias vezes o problema de falta de espaço enfrentado pelas monitoras do projeto. Todos os dias era preciso decidir em que local o projeto iria acontecer. Por um

tempo uma igreja que fica de frente para a escola emprestou duas salas, mas para usar as salas precisava atravessar a rua. As professoras do projeto me confessaram que não aprovavam a utilização da igreja por causa da travessia que ficava sob responsabilidade delas. Era realmente muito perigoso atravessar com 25 crianças.

A direção da escola se preocupava bastante em manter o projeto Mais Educação em funcionamento na escola apesar da falta de espaço adequado para a realização das atividades. As crianças participantes do projeto, em sua maioria, ficariam na rua se não existisse o projeto. O Mais Educação, além de cumprir a função de reforço escolar, também ajuda com os problemas sociais da comunidade que, segundo os funcionários da escola, sofre com questões de drogas e violência. Mantendo as crianças na escola em dois horários os riscos de envolvimento com coisas erradas diminuem, por isso o projeto se mantém na escola mesmo que ela não tenha estrutura física para a realização do mesmo.

Os outros espaços como quadra, pátio, parquinho, refeitório também deveriam ser explorados com a finalidade de ensinar. Os alunos já aprendem muito no pátio com suas conversas, no refeitório enquanto comem, na quadra durante um jogo.

Autores como Paulo Freire falam da importância de se humanizar e contextualizar os conteúdos com a realidade do aluno, e muitos educadores encontram dificuldades para cumprir esta tarefa, talvez por pensarem como espaço propício somente a sala de aula ou um laboratório equipado, desconsiderando os outros espaços que estão carregados de potencial e possibilidades.

2.2 – Descrição das atividades realizadas

Realizei algumas atividades com as crianças para conhecer suas perspectivas e opiniões sobre a escola e como se sentiam quando estavam no espaço escolar, o que esse espaço representava para elas. Escolhi duas turmas do 4º ano para realizar esta proposta. A primeira atividade foi fazer um desenho que representasse a sala de aula. Para desenvolver esse estudo apresento os desenhos completos ou destaco elementos que servem de base para a discussão deste trabalho.

Quanto à representação da sala de aula, nos trabalhos os alunos desenharam as carteiras com ou sem ocupantes, a mesa da professora, o quadro negro e janelas.



Fig. 04: salas de aula

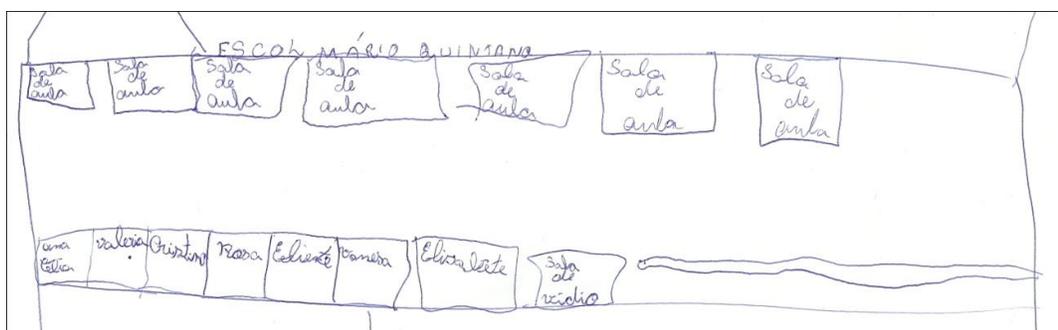


Fig. 05: salas de aula

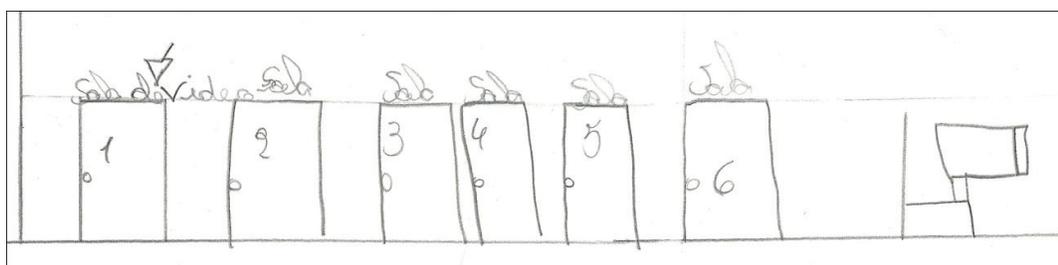


Fig. 06: salas de aula



Fig. 07: salas de aula

O que se destaca nesses desenhos é que em todas as figuras as salas de aula foram feitas de forma padronizada e sem ocupantes revelando o aspecto de uniformidade e impessoal muitas vezes vividos na escola. Os alunos não reconhecem a sala de aula como um local dinâmico e humanizado. As salas são representadas da mesma forma sem nenhuma diferença entre elas, até as carteiras foram desenhadas todas iguais.

Num segundo momento pedi para que desenhassem como gostariam que fosse a sala de aula, o que gostariam de mudar, o que não achavam bom. A partir daí começou a dificuldade de muitos em imaginar uma sala de aula diferente. Surgiram muitas perguntas e questionamentos. Senti necessidade de interferir na dinâmica para saber o que faltava no espaço da escola na visão das crianças. Resolvi começar pela sala de aula e avaliar somente as condições físicas do lugar, para depois seguir com uma análise mais ampla que envolve também as relações do cotidiano.

Comecei a perguntar sobre as carteiras: Vocês acham as carteiras boas para escrever e sentar? A sala é grande ou poderia ser maior? É escura? A cor da sala é bonita? A sala é quente? Depois de fazer estas perguntas as crianças começaram a trazer algumas objeções. Algumas gostariam que a sala tivesse ar condicionado porque a sala era muito quente. Falaram também das janelas que não abrem, são em forma de basculantes. E por fim poucos mencionaram que as carteiras são duras para sentar. O que me deixou surpresa após a atividade foi perceber que as crianças dessa escola estão certas de que uma sala de aula deve ser como a da sua escola, para elas as salas de aula precisam ser como são e ponto. Não questionavam ou almejavam mudanças. Situações que elas convivem diariamente como calor e desconforto não as levam a ver que mudanças são necessárias para resolver as falhas das salas de aula da escola (MELATTI, 2004).

Na segunda dinâmica pedi aos alunos do 4º ano para fazerem um desenho de todos os espaços da escola para que depois indicassem qual era o espaço da escola preferido de cada um, podia ser qualquer espaço.

Em suas produções os alunos construíram plantas baixas que, na perspectiva de Ramos de Azevedo (2002), refletem as exigências de um projeto de escola com ambientes demarcados e locais destinados à realização de funções distintas.

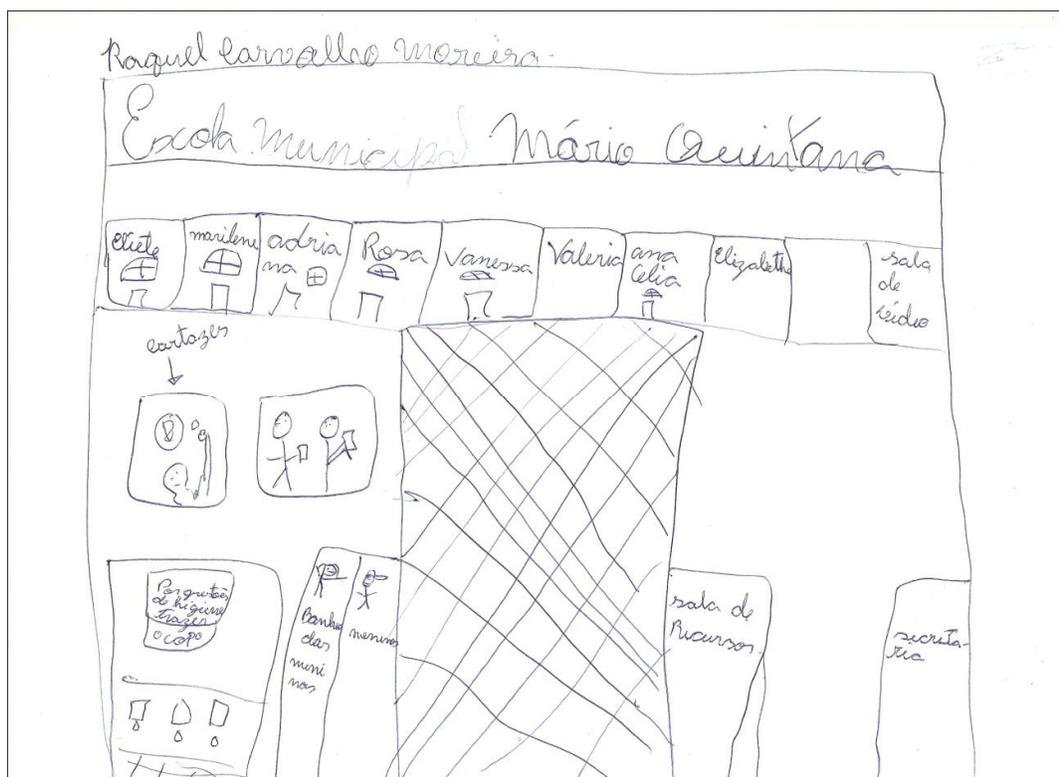


Fig. 08: Planta baixa da escola



Fig. 09: Planta baixa da escola

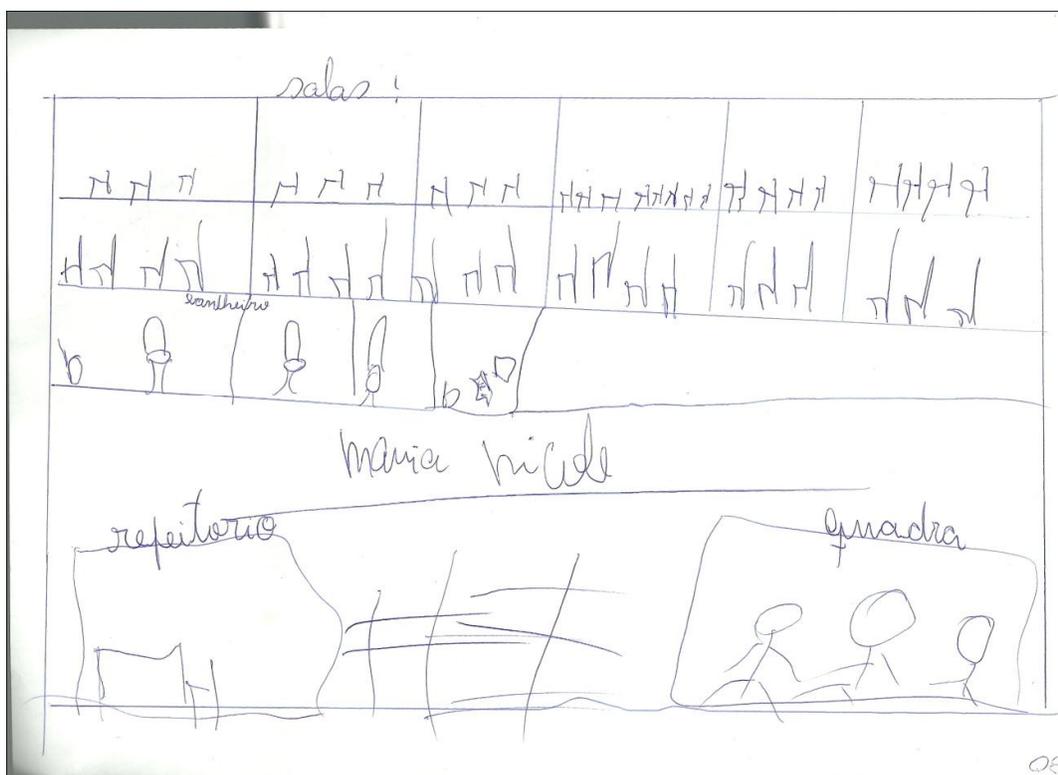


Fig. 10: Planta baixa da escola

Em algumas dessas plantas com a representação da escola notei a presença de telhados de casas o que mostra uma tendência do desenho infantil e uma ligação positiva em relação à escola. O que entendi é que para essa criança a escola é acolhedora como sua casa.

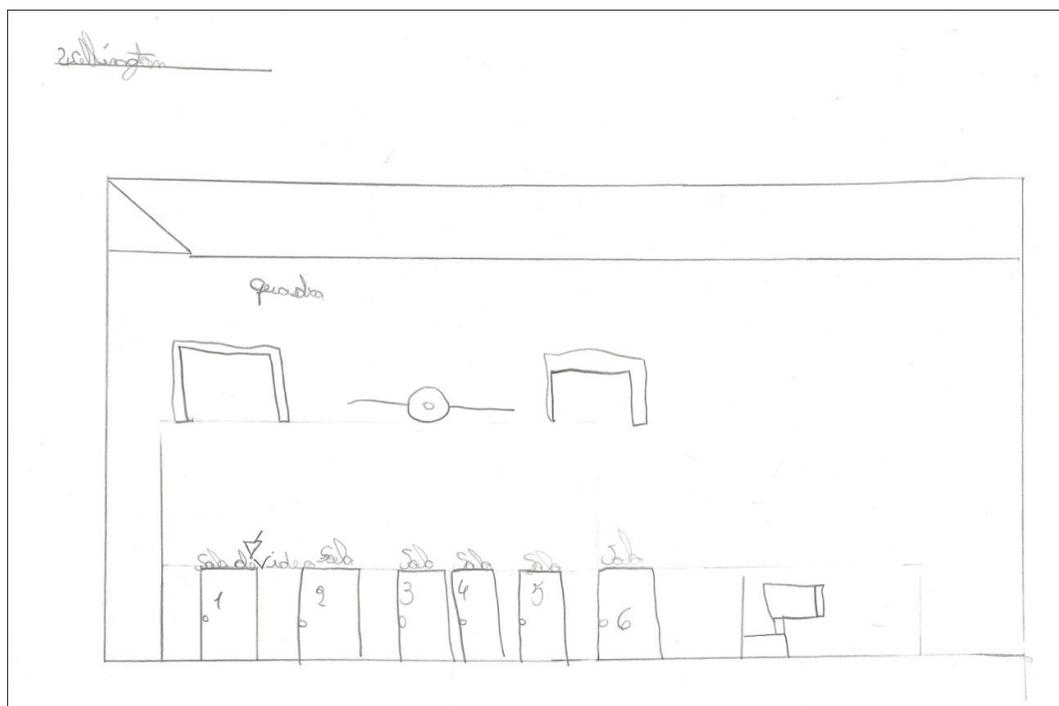


Fig. 11: Planta baixa da escola



Fig. 12: Planta baixa da escola

Os outros locais da escola como refeitório, sala de informática, sala de vídeo, bebedouro, banheiros, diferente dos desenhos das salas de aula, estão todos ocupados, o que mostra que os alunos reconhecem esses locais e conseguem se colocar utilizando esses espaços. Diferente do que aconteceu nos desenhos da sala de aula, as crianças mostraram através dos desenhos que interagem entre si.

Quanto à indicação dos espaços de lazer de maior interesse, os alunos se dividiram em dois: quadra e parquinho. O parquinho não era frequentado por todos devido aos brinquedos não serem apropriados para crianças maiores, mas o desejo de brincar naquele espaço era grande. Presenciei muitas delas brincando escondido dos inspetores.



Fig. 13: Parquinho

Nesses desenhos observei que o espaço foi representado por diversos elementos, ocupado com movimento e crianças brincando.

Percebi através dos desenhos que o parquinho aos olhos das crianças se trata de um espaço humanizado e harmonioso. Aparecem elementos da natureza como árvores e flores, o que o torna agradável.

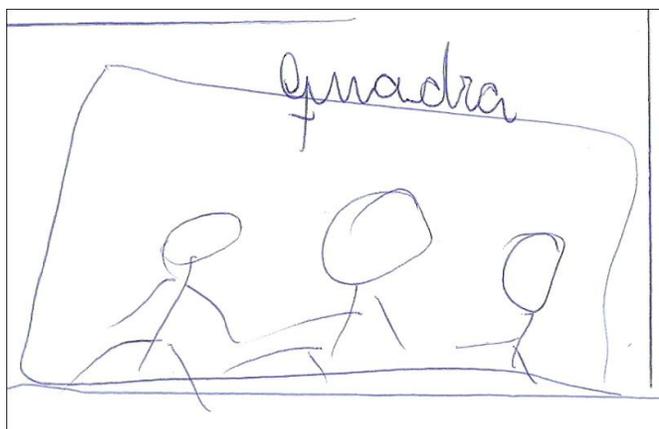


Fig. 14: Quadra

A quadra também é habitada por alunos na maioria dos desenhos. Em outros a quadra é identificada como um espaço reservado para o esporte no desenho, aparecem apenas as traves e a marcação central da quadra, apesar de várias atividades acontecerem na quadra.

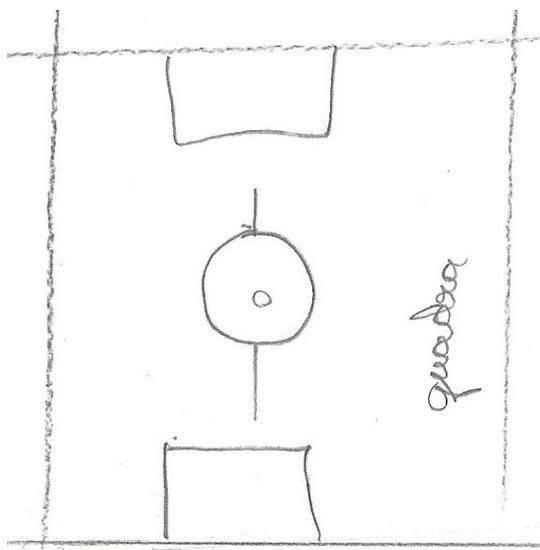


Fig. 15: Quadra

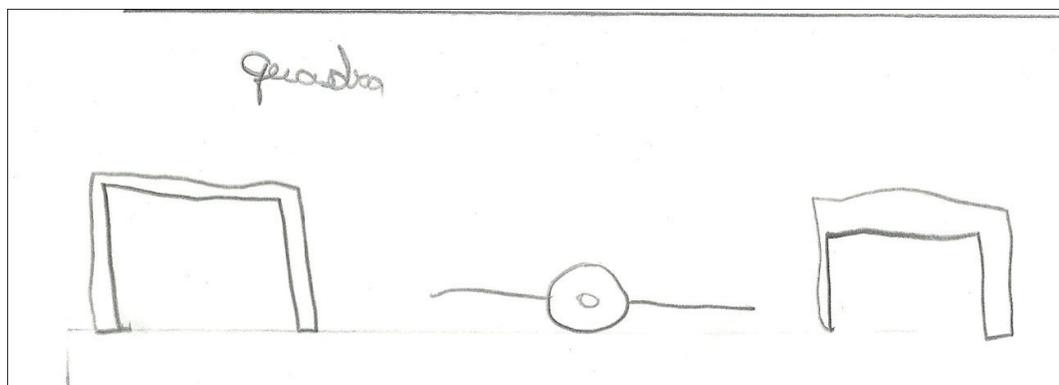


Fig. 16: Quadra

Todos gostam de realizar atividades na quadra, não precisa ser necessariamente esporte. As professoras do projeto Mais Educação utilizavam bastante o espaço da quadra por falta de salas.

Outro espaço representado nas plantas baixas que me chamou a atenção foi o pátio, que apareceu como um espaço vazio. As crianças fizeram um X ou riscaram como se ignorassem esse local. O que pareceu é que os alunos não encontraram uma finalidade para o pátio.



Fig. 17: Pátio

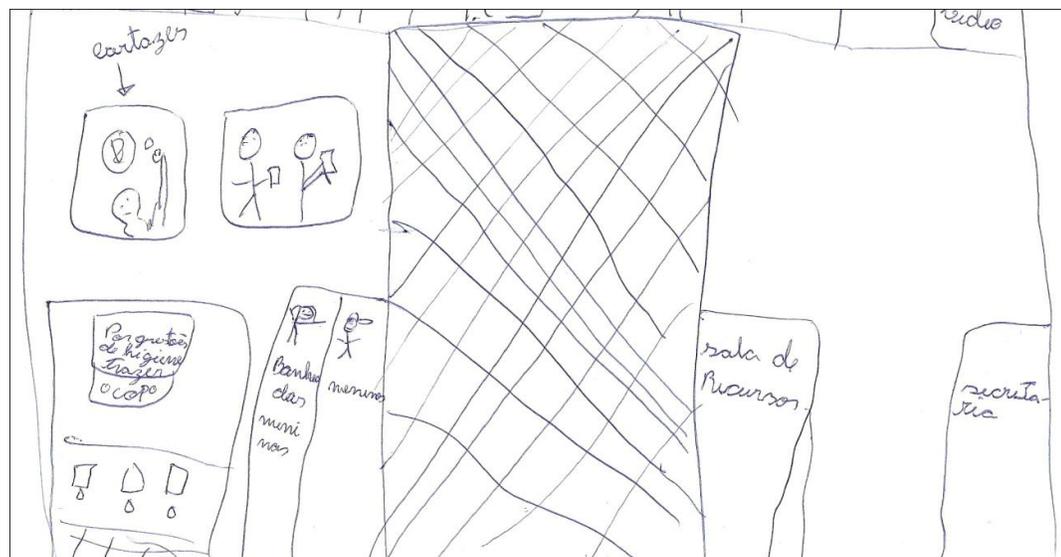


Fig. 18: Pátio

A pesquisa aqui desenvolvida trouxe alguns elementos importantes para pensarmos o uso e o entendimento do espaço escolar por todos que o habitam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma de construção de uma sociedade ou civilização está diretamente ligada com a sua forma de pensar. O mesmo aconteceu com as edificações escolares que ao longo da história eram pensadas segundo os conceitos educacionais de cada época. Todas as mudanças ocorridas no espaço físico escolar estão diretamente ligadas às novas formas de se pensar a educação.

A escola apresenta através de sua arquitetura um sistema de valores. O espaço escolar comunica, mostra a quem sabe lê-lo que postura se pretende do ser humano que faz uso dele. Ainda nos deparamos com várias escolas que foram construídas com a finalidade de propiciar vigilância, como se esse fosse o único papel da educação. A vigilância a que me refiro não é aquela que zela pela integridade física dos alunos, mas a vigilância de seus pensamentos, de seu comportamento, de seus desejos, que obrigatoriamente devem ser semelhantes ao da organização escolar vigente.

Algumas políticas educacionais apontam para a importância do fator arquitetônico para a aprendizagem e estão investindo nesse aspecto. O Colégio Móvil projetado pelo arquiteto Paulo Sofhia e premiado na III Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, é um exemplo. Para eles:

Crianças e adolescentes se convertem em sujeitos ativos do processo de aprendizagem quando despertados para o prazer e a responsabilidade de aprender. Essa atitude participativa é o ponto de partida indispensável para desenvolver a capacidade de pensar, de discriminar valores, de cooperar, de ter a habilidade de se adaptar as novas exigências do grupo e do meio. (2004).

Por outro lado, nas escolas onde a valorização do espaço físico não é considerada, observa-se dificuldades na realização de atividades. Nessa pesquisa, a questão da não valorização do espaço escolar ficou evidenciada, por exemplo, na falta do espaço para a realização do projeto Mais Educação, que funcionava de forma defasada devido à ausência de espaço. Situações como esta levaram os funcionários a utilizarem outros espaços da escola como sala de aula.

Notamos através dos desenhos que os alunos que se identificam com a escola trouxeram elementos de suas casas, diferente das representações dos alunos que não enxergam positivamente o espaço escolar e que o fizeram de forma padronizada e desumanizada, o que

comprova a afirmação de que as pessoas quando expostas a espaços desproporcionais sofrem reações psicológicas negativas, o que pode prejudicar seu desenvolvimento educacional.

Às vezes procuramos longe demais soluções para os problemas educacionais que podem ser resolvidos no próprio espaço da escola. Nosso sistema educacional, com todas as suas dificuldades e desafios, precisa ser reformado. A arquitetura voltada para pensar e propor o espaço escolar deve estar comprometida com as políticas educacionais visando à qualidade da aprendizagem e encontrando caminhos que ultrapassem os limites de agora agregando valor à educação.

REFERÊNCIAS

ANELLI, Renato. **Centros Educacionais Unificados: arquitetura e educação em São Paulo**. Portal Vitruvius, n. 55.02, Dez. 2004.

Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq055/arq055_02.asp> Acesso em: fev. 2009.

BASTOS, Maria Alice Junqueira. **Escola-parque: ou o sonho de uma educação completa (em edifícios modernos)**. Rev. AU Arquitetura e Urbanismo, ed. 178, Jan. 2009, p. 42-45.

BUFFA, Ester, PINTO, Gelson de Almeida. **Arquitetura e Educação: organização do Espaço e Propostas Pedagógicas dos Grupos Escolares Paulistas (1893 – 1917)**. São Carlos: Brasília: EdUFSCar, INEP, 2002.

ESCOLA PARQUE: Centro Educacional Carneiro Ribeiro. Salvador. Disponível em: <<http://www.escolaparquesalvador.com.br>> Acesso em: 5 março de 2011.

FRAGO, A. V. e ESCOLANO, A.: **Currículo, Espaço e Subjetividade: A Arquitetura como programa**. Rio de Janeiro, Editora DP & A. 1998, 152 p.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir - História da violência nas prisões**. 11ed. Ed. Vozes, Petrópolis. 1994

MELATTI, Sheila Pérsia do Prado Cardoso. **A arquitetura escolar e a prática pedagógica**. 2004

MELENDEZ, A. **Escolas-parques**. Rev. ProjetoDesign, ed. 284, Out. 2003. Disponível em <<http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/arquitetura428.asp#>> Acesso em: 28 fev. 2011.

MENDONÇA, A. C. V. C. de. **Ciep Tancredo Neves**. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://www.pbase.com/andremendonca/cieptancredoneves>> Acesso em: 13 abr. de 2011.

RIBEIRO, D. **O livro dos CIEPs**. Rio de Janeiro: Bloch, 1986.
<http://www.infoescola.com/arquitetura/o-que-e-arquitetura/>

VIEIRA, Analúcia de Moraes. **A arquitetura no espaço -tempo escolar**, Universidade de São Paulo. Universidade Federal de Uberlândia
<http://www.faced.ufu.br/nephe/images/arq-ind-nome/eixo1/completos/arquitetura-no-espaco.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2011.

XAVIER, Alberto, BRITO, Alfredo; NOBRE, Ana Luiza. **Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro**. São Paulo: Pini: Fundação Vilanova Artigas; Rio de Janeiro: RIOARTE, 1991.

